



ENTRE LÁPIS, MOVIMENTOS E APLAUSOS: A PRESENÇA DO ARTISTA DA DANÇA NOS ESPAÇOS ESCOLARES

BIANCA BAZZO RODRIGUES

EIXO: 16. ARTE, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

ENTRE LÁPIS, MOVIMENTOS E APLAUSOS: A PRESENÇA DO ARTISTA DA DANÇA NOS ESPAÇOS ESCOLARES

Resumo: O artigo apresenta um projeto em dança que investiga a relação entre arte e escola por meio da análise da receptividade de uma apresentação em dança. Questionávamos a razão de os licenciados em dança ofuscarem sua função de artista ao assumirem o papel de professor. O intitulado “artista-professor” é introduzido no ambiente escolar por meio de sua produção artística para, num segundo momento, assumir o papel de professor. A aproximação e o contato entre artista-professor e aluno, por meio do trabalho cênico, possibilitou a valorização e a relevância do conhecimento que se constrói ao fazer e ensinar dança no âmbito escolar, como afirmam os PCNs da área (1997) e autores como Marques (2001, 2004) e Strazzacappa e Morandi (2006).

Palavras-chave: Ensino de dança. Artista-professor. Licenciatura em dança.

BETWEEN PENCIL, MOVEMENTS AND APPLAUSE: DANCE ARTIST’S PRESENCE IN SPACE SCHOOL

Abstract: The paper presents a project in dance that investigated the relationship between art and school through the receptivity of a presentation in dance. We were questioning why the graduates dance overshadow his artistic function to take the role of teacher. The title "artist-teacher" is introduced into the school environment through its artistic production, for a second time assume the role of teacher. The approach and the contact between artist-teacher and student, through the scenic work, furthered the valuation and relevance of knowledge that is built to do and to teach dance in schools, as the PCNs claim area (1997) and authors like Marques (2001, 2004) and Strazzacappa and Morandi (2006).

Keywords: Dance education. Artist-teacher. Degree in dance.

O presente artigo apresenta uma pesquisa realizada nos ambientes escolares proveniente das inquietações sobre o papel do professor de dança na escola. A partir das provocações e debates vivenciados nas aulas de licenciatura do curso de graduação em dança da Unicamp, oferecido pela Faculdade de Educação, a pesquisa tomou como ponto de partida para a investigação *in loco* a presença do artista da dança nos espaços escolares antes de vislumbrarmos a figura do professor de dança.

O ponto de discussão se iniciou ao percebermos que os licenciados em dança, ao assumirem o papel de professor, tendiam a ofuscar sua função de artista, culminando na perda do fazer artístico. Para essa ação ser debatida e

transformada, partimos da intervenção do artista da dança nos espaços escolares por meio de uma apresentação coreográfica às crianças e adolescentes em algumas instituições da cidade de Campinas que aceitaram receber a intervenção cênica. Buscamos instigar e provocar uma reação diferenciada nesses espaços por meio da apresentação cênica.

O intuito foi criar uma relação diferenciada da arte na escola por meio de uma apresentação de dança e da presença, mais que a do professor de arte, do que intitulamos aqui como “artista-professor”, aquele que assume o papel de mediador entre a arte e ensino. Por meio das análises realizadas pela observação das gravações e da própria vivência foi possível observar a receptividade do aluno e dos demais agentes escolares, mediante a obra de arte do espetáculo vivo.

A aproximação e o contato direto desse artista-professor e o aluno por meio do trabalho cênico e do diálogo que surge entre ambos, possibilitou a valorização e a relevância do conhecimento que se constrói ao se fazer dança e ao se ensinar dança no âmbito escolar, como afirmam o PCNs da área (1997) e outros autores como Marques (2001, 2004) e Strazzacappa e Morandi (2006).

Foi por meio dessas intervenções provocadas pela artista-professora no ambiente escolar que percebemos um diferencial para o ensino de arte na escola. A apresentação de dança, que foi o primeiro contato que tivemos com o público e o profissional em seu papel de artista, além de criar uma receptividade com os alunos, aguçou um outro olhar de dança no ambiente escolar. Contagiando o público com a magia da arte e assumindo, num segundo momento, o papel de mediador entre arte e ensino. O que serviu de ponte para a introdução de atividades de dança no espaço escolar ministradas pelos estagiários do curso de licenciatura em dança.

O projeto inseriu-se dentro de uma pesquisa maior, desenvolvida junto ao Laborarte – *grupo de estudos sobre Arte, Corpo e Educação*, da Faculdade de Educação da Unicamp, intitulada “Profissão: professor – artista da dança”. O grupo, ao longo dos anos, vem discutindo o papel desse profissional na educação, e tem observado que um grande diferencial do ensino de arte na escola está na postura daquele que conduz as atividades, mais do que o “professor de arte”, vislumbra-se a presença do “artista-professor” na escola. E foi nesse preciso ponto que a pesquisa se focalizou.

Primeiro Ato - abrindo caminhos

Talvez não estejamos falando do fim da escola, mas do fim desta escola que por tantos séculos negligenciou o corpo, a arte e, portanto a dança (MARQUES, 2003, p.17).

Sabe-se que o trabalho com dança no âmbito escolar é um caminho pouco trilhado. Mesmo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) em vigor, que prevê o ensino de arte como componente curricular obrigatório na educação básica e os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais da área de Arte (1997) - afirmam que as quatro linguagens artísticas devem ser contempladas, ou seja, a dança, a música, o teatro e as artes visuais.

Percebe-se que a realidade ainda continua calcada historicamente no ensino das artes plásticas, na então disciplina intitulada Educação Artística. A pesquisa em questão possibilitou observar mudanças nesse quadro, devido ao contato com outros cursos de licenciatura em dança oferecidos no Brasil. Foi possível perceber e notar uma vontade e um trabalho, mesmo que árduo, para mudar esse quadro.

Mais do que apenas implantar a dança nas escolas, os profissionais dessa área encontram muitas outras dificuldades. A primeira, já destacada acima, gira em torno da história do ensino de arte no meio escolar, edificada, sobretudo nas artes plásticas.

O ensino de artes na educação brasileira, por muito tempo se configurou no ensino de desenhos geométricos, com concepções liberais e positivistas. Mesmo após a Reforma Educacional de 1971, ainda se firmava esse processo (BARBOSA, 1978). Com a mudança abrupta da Missão Francesa, do barroco-rococó para o Neoclássico, que no Brasil era visto como uma arte da burguesia de ideias aristocráticas e monárquicas ocasionou o preconceito e uma posição política sobre o ensino de arte no Brasil, classificando-a como uma atividade de adorno. Tinha-se o pensamento da arte como uma atividade supérflua, um babado, um acessório da cultura (BARBOSA, 1978).

Diante esse quadro histórico-educacional, como trabalhar com a arte na educação brasileira, se para muitos ela ainda é vista e utilizada como uma atividade de lazer, de descontração? E num mundo capitalista que necessita de mão-de-obra e ações utilitárias para o mercado, como dar créditos a uma arte que é encarada como algo supérfluo para a sociedade em que vivemos?

Rui Barbosa foi um grande incentivador para a educação artística na escola, no entanto, incentivava uma arte que

ajudasse no progresso industrial. Um incentivo apenas para o desenho e suas funções utilitárias, não buscando complexificar as ações artísticas, como exemplo, o incentivo a apreciação artística, o discurso da estesia da arte. Walter Smith, citado por Barbosa, afirmava que a arte era para “educá-los para os misteres práticos da vida, e não para contemplação dela”. (BARBOSA, 1978, p. 46).

Somente com o movimento da Escola Nova que surge a importância da arte na educação para o desenvolvimento da imaginação, intuição, reflexão, conhecimento. Porém o Estado Novo iniciou a repressão no campo educacional, sustentando qualquer progresso para a educação.

O acesso à arte apenas para a população abastada, ajudada pela Academia Imperial de Belas Artes elitizou a arte, tornando-a símbolo de distinção e instrumento de ascensão social. Acabando por o conteúdo da arte e a vivência artística não ser abordada e ensinada para toda a população ao longo da história da educação brasileira.

Outro motivo para uma educação da arte enraizada nesses pensamentos - ajudando a não refletir sobre a arte e no que ela pode trazer em benefício à educação - é relacionado à própria formação do profissional nessa área. A maior parte dos cursos de licenciatura em arte era voltada para as artes plásticas. Em 1973 o Governo Federal criou cursos universitários para formação de arte-educadores com licenciatura em Educação Artística. Porém o currículo era todo voltado na área de concentração pedagógica (psicologia, didática geral, estrutura e funcionamento do ensino). Esses cursos quase nunca eram ministrados tendo-se em vista uma abordagem diretamente relacionada a problemas de ensino da arte ou para o desenvolvimento da criança através da arte (BARBOSA, 1984).

No final dos anos 90 houve uma proliferação de cursos superiores em dança que estão formando profissionais licenciados em dança aptos a trabalhar na educação básica. Porém, o aluno do curso de graduação em dança, ao optar pela modalidade licenciatura depara-se com um grande desafio que é abordar a arte no âmbito escolar. Outro grande desafio que encontramos atualmente, e provocador de questionamentos e práticas educativas da arte no ambiente escolar, devem-se ao fato de nos últimos anos ser implantados nas universidades federais, pelo programa REUNI do governo, cursos de licenciatura em Dança, em que as discussões sobre o fazer artístico, as experimentações e criações em Dança podem se intensificarem, visto o curriculum ser licenciatura e não bacharelado, o que por ventura pode acarretar uma discussão da perda da figura do artista da dança e não só do professor de dança.

Foi em contato com as disciplinas específicas do curso de formação de professores na Faculdade de Educação da UNICAMP, particularmente das disciplinas ministradas pela Profa. Dra. Márcia Strazzacappa, que essas discussões tomaram corpo e movimento. O fio condutor da pesquisa buscou identificar o perfil desse profissional da dança e suas atuações na educação básica.

Profissional este que durante o decorrer do estudo foi problematizado, buscando instiga-lo, a não apenas ministrar aulas de dança (apenas ter como foco trabalhar e movimentar o corpo). Mas o profissional que desperta em seus alunos o interesse pela arte, aguçando a curiosidade, ampliando a visão de dança (além do que está posto pela mídia), oferecendo uma experiência estética na área da arte, do espetáculo vivo.

Propor a apresentação cênica para os alunos dos espaços escolares, não só como uma atividade em um dia festivo, mas como proposta pedagógica, mostrou seu potencial de transformação no cotidiano escolar. Essa posição ocasionou incômodos para aqueles que foram regidos pela didática tradicional, no caso para os diretores e professores da educação básica, que ao se depararem com as mudanças que esses artistas produziram no sistema escolar, como mudanças de espaço, carteiras, horários, não foram tão receptivos ao trabalho.

E foi em cima dessa postura que se encontra o fruto dessa pesquisa. Mais do que professor de arte, buscamos despertar o artista-professor da dança, pronto a encarar a pluralidade de atividades no ensino, buscando desmistificar o mundo da dança e o mundo da educação dedicado a ela.

Artista da dança: bailarinos de pés descalços

A entrada da dança na “legalidade” trouxe consigo outro desafio, entre eles a busca de consistência e qualidade para seu ensino nas salas de aula (MARQUES, 2003). O trabalho com dança nos espaços escolares e a troca de experiência com alunos de licenciatura em dança, trouxe-nos uma reflexão e ação frente a esse trabalho pouco desenvolvido e, se desenvolvido, que não respondia às nossas inquietações e as indagações da arte, sobretudo da dança.

Percebemos que a presença do artista na escola cria um diferencial para o ensino de arte, mostrando assim a possibilidade de promover a construção do conhecimento em dança como artista, sem que o dançarino deixasse de realizar sua prática artística quando se dedica a docência. O aqui intitulado artista-professor da dança começa a trilhar um caminho diferente, de intervir nos espaços escolares com atitudes e com o seu próprio corpo, desestruturando a

formatação que vem sendo trabalhada nas escolas.

Para isso, tivemos que ficar descalços, pisando em chão frio, muitas vezes, colocando-nos à margem e sem ter a certeza do que encontraríamos. Da receptividade que causaríamos ante o nosso trabalho cênico e a reação do público, no caso os alunos que são o material vivo para que a arte da dança aconteça.

Esse público é necessário para que a arte exista. A arte precisa do outro (espectador) para acontecer um diálogo (DESGRANGES, 2003). Se essa comunicação não existir, a arte torna-se apenas ornato. Para que essa provocação acontecesse optamos pela intervenção desse artista-professor da dança nos espaços escolares por meio da apresentação de uma coreografia em dança.

Primeiramente, o artista que chega com seu trabalho artístico no ambiente escolar para depois ocorrer à mediação entre arte e ensino. O profissional que não apenas ensina sua arte, mas aquele que é agente transformador da realidade que se expressa e se comunica artisticamente a partir de suas intervenções tanto cênica, de pesquisa, ação cultural e social, como problematiza Isabel Marques no trecho abaixo:

O contexto histórico/cultural/social do aluno falha em não perceber que a educação através da arte pode ir além do universo pessoal, subjetivo e emocional do aluno: ela pode abranger e problematizar a realidade sócio-político-cultural do mesmo em toda a sua diversidade e complexidade (MARQUES, 2001, p. 41).

Dessa forma, buscamos complexificar as atuações desse profissional quanto a receptividade e interação da arte nos espaços escolares, primeiramente pela intervenção artística, na busca de despertar um olhar e um contato diferenciado da arte e a “figura” desse profissional nos espaços escolares.

É a presença do artista da dança na escola para só depois surgir o professor para mediar o aprendizado entre o cotidiano e a criação. Essa aproximação e contato direto entre artista-professor e aluno, por meio do trabalho cênico e o diálogo que surgiu entre ambos, configurou na valorização e o reconhecimento da necessidade de se fazer e divulgar o espetáculo vivo na escola. Permitindo a criança desenvolver um olhar crítico para as produções artísticas, presenciando o profissional que se expressa e se comunica por meio da dança.

O artista-professor que se reconhece como agente transformador da realidade pela arte que desenvolve, buscando sempre a atenção no trabalho cênico para que se crie um diálogo mais enriquecedor de artes na escola. A pesquisa privilegiou esse profissional que no decorrer do estudo, entre relatos, experiências e experimentações provocou mudanças no ensino da arte na escola quando o professor se assume artista.

O trabalho cênico realizado surgiu da vontade do pesquisador de levar para as escolas um trabalho de dança contemporânea, sobretudo ao constatar que as crianças e os adolescentes desconheciam a estética da dança contemporânea, uma das linguagens mais trabalhada no curso de graduação em dança da Unicamp.

A arte contemporânea é simplesmente um espaço de ações extremamente móveis, difícil de categorizar (MARQUES, 2001). Assim, nas primeiras intervenções não houve preocupação em relação à criação do diálogo entre o produto cênico e público. Sentimos apenas a necessidade de levar o trabalho bruto do artista da dança, que é seu material artístico, a coreografia de dança para o espaço escolar. No decorrer das intervenções percebemos o quão importante é esse trabalho artístico e a atenção que o artista deve dar a ele. No sentido de mostrar o trabalho que é feito em dança mundo afora, quebrar com as imagens que estudantes têm sobre o que é dança, geralmente trazida ou imposta pela mídia.

No decorrer da pesquisa, sentimos a vontade de abrir espaços para outros alunos de licenciatura em dança para integrar o trabalho, possibilitando experiência, integração e discussão para ambas as partes nesse contexto. Assim, a cada intervenção, tínhamos a presença desses artistas convidados integrando os trabalhos desenvolvidos.

Das indagações levantadas sobre o trabalho cênico, destacamos a preocupação se havia necessidade de um trabalho diferenciado para cada faixa etária e mesmo um trabalho especificamente feito para o ambiente escolar. Indagava-se ainda se havia a necessidade de se aproximar das linguagens que os estudantes conheciam a partir de suas vivências com a arte e a dança.

As experiências que tivemos com esse trabalho e o contato direto com os alunos, diante da receptividade quando estávamos dançando e depois da apresentação em que abríamos uma conversa com eles, possibilitaram o estudo dessas questões. Concluímos que, mais do que um trabalho para criança ou para adulto, existe um trabalho bem qualificado, bom, que qualquer faixa etária poderia apreciá-lo e entendê-lo.

Por mais que a criança esteja em fase de crescimento e conhecimento do mundo que a cerca, formando valores e pensamentos, possuindo seus códigos específicos, não queríamos desenvolver um trabalho infantilizado, direcionado só para o lado lúdico (não desmerecendo a importância desse na educação), mas sim, levar para a escola o trabalho em

dança que é feito para se apresentar em palcos de teatro, e que na maior parte das vezes apenas as pessoas da área que frequentam esses lugares e que costumam discutir arte têm esse acesso.

Tentamos mostrar a esse público iniciante o que está sendo produzido na sociedade contemporânea, e isso foi o que mais encantou os alunos. A possibilidade de trabalhar a dança integrando a tecnologia, a criação de músicas pelo computador nos espetáculos entre outras interações.

As experiências e o contato direto com os alunos formaram a essência desse trabalho e foi enriquecedor para a formação profissional do pesquisador. As situações exigiram um balanço a mais na nossa dança: como a mudança de espaço a cada apresentação; o som que certa vez não funcionou e que nos obrigou a improvisar sem música; o dia em que os alunos vaiaram o artista quando estava no papel de clown; entre tantas outras coisas. Aprendemos também com as distintas reações dos alunos a cada coreografia apresentada.

Como afirma Isabel Marques, “a dança enquanto arte e a educação continuavam dissociadas; era preciso viver no corpo a arte e a estética da dança mesmo em situação educacional” (MARQUES, 2003, p.116). Acredito que logramos isso no projeto, mediando o aprendizado entre o cotidiano e a criação, reconciliando o visual e o verbal, muitas vezes perdido na educação escolar. Foi possível aguçar a valorização e o reconhecimento do trabalho artístico do artista-professor da dança como processo de transformação e conscientização do indivíduo. O artista da dança, com sua prática de ensino, deve favorecer o diálogo crítico entre escola e mundo da dança.

A arte tem seu papel de nos nutrir esteticamente, assim a preocupação com o produto cênico. Nele devemos elaborar os signos e símbolos da arte como experiência para que em cena cada qual possa formular seu próprio sentido do que vê com sua vida. Trabalhar uma arte na escola que seja provocativa, não apenas informativa, mas promovendo na educação o desejo pela experiência estética.

Acordando uma educação...

Não basta “falar sobre arte” ou acumular informação a seu respeito. É preciso que a aula de Arte propicie experiências vivenciadas – quer de produção, quer de apreciação artística – as quais, sendo objeto de constante reflexão, permitam a formação de conceitos e competências (PENNA, 2003, p.47).

A educação formal brasileira historicamente não incentivou o fazer artístico dentro do ambiente escolar, nem a produzir nos alunos uma vivência e apreciação com as artes, principalmente na área da dança. Assim sendo a população não está acostumada a frequentar espaços destinados às produções artísticas, como teatros, galerias, centros culturais. Hoje, essas pontes começam a se aproximar, sobretudo no que podemos observar nas ações e postura dos profissionais de artes na escola.

Por esse motivo começamos nosso trabalho com uma intervenção dentro dos espaços escolares, despertando o olhar estético dos alunos e dos demais agentes escolares, provocando os sentidos por meio da dança, alimentando esteticamente o ambiente escolar. É por meio da educação que se começa a estruturar o pensamento e ações das pessoas, formando seus conceitos. Entendemos que é no ambiente educacional que deveríamos começar a despertar um novo hábito em relação à arte. Por isso uma viagem constante dentro das escolas.

Formar espectadores consiste em provocar a descoberta do prazer do ato artístico mediante o prazer da análise. A especialização do espectador constitui-se não tanto em ensinar como pensar, dialogar, ler, gostar, mas sim em propor experiências que estimulem o espectador a construir os percursos próprios, o próprio saber, o próprio prazer, deixando que cada qual vá descobrindo laços e afinidades, tornando-se íntimo a seu modo, relacionando-se e gostando de arte do seu jeito (DESGRANGES, 2003, p.173).

Foi buscando uma pedagogia do espectador que levamos esse trabalho nas escolas. Não restringindo apenas a apoiar e estimular a frequência, mas capacitar o espectador para um rico e inteiro diálogo com a obra artística (DESGRANGES, 2003). Buscamos provocar o desejo pela experiência artística, utilizando para isso dos próprios procedimentos da arte para estimular a nutrição estética nessa plateia.

Com o fim de ver e saborear tudo o que está presente numa execução, o espectador deve olhar para os significados do coreógrafo, reagir às interpretações dos dançarinos e levar suas próprias experiências ou reações pessoais e relacionar-se com o que acontece no palco. Participando ativamente da criação do significado, um espectador pode

ganhar poder apreendendo e sujeitando o executante como um objeto de seu próprio mundo (HANNA, 1999, p.44).

A pesquisa possibilitou também aguçar os olhares dos educadores para o preparo visual do espectador, pois o contato estético com uma obra artística não depende somente da sensibilidade natural (CELESTE e PICOSQUE, 2008), todo espectador carrega consigo sua bagagem cultural.

Tendo a sensibilidade de trabalhar com esse corpo e olhar carregado de estereótipos, que vem muitas vezes do próprio professor que está sempre procurando produtos rápidos, de fácil assimilação dos seus alunos e observadores, interessados muitas vezes na quantidade do que qualidade. Num mundo bombardeado de informação visual, para evitar esses estereótipos, o importante é levar a criança a refletir sobre as imagens captadas e estimular sua recriação.

O mundo contemporâneo esqueceu-se do espectador, há uma busca exagerada pelo novo, pela conquista de mercado. A consequência disso nos trabalhos de dança contemporânea é o esquecimento do papel da arte de alimentar esteticamente o espectador ou ao menos a preocupação de educá-lo, de criar desafios estéticos para mobilizar o público ao encontro com a poética da linguagem artística, para que assim ele possa dialogar com sua obra.

Os artistas contemporâneos ainda estão preocupados em ganhar público e espaços nos palcos, não levantam a reflexão de que se para ter público faz necessário um espectador que entenda o que vê, e assim consiga dialogar com a obra de arte. E enquanto essa atitude não mudar vão ser poucas as pessoas que consigam fluir com uma obra de arte contemporânea.

Por isso, a necessidade e iniciativa para as mudanças nas políticas educacionais, em virtude das transformações que afetam a sociedade contemporânea, e que repercutem para as instituições educativas. Em meio a essas transformações, a discussão sobre a necessidade de repensar as ações do ambiente escolar.

Pois este ensino [de arte] que queremos precisa ser construído, e esta é uma tarefa ampla e árdua, que passa por atos de políticas educacionais, por investimentos em recursos materiais e humanos, pela própria formação do professor. Mas esta construção depende, também, da atuação de cada professor em sua sala de aula, e realiza-se através de suas decisões e atos cotidianos, na dinâmica do espaço escolar (PENNA, 2003, p.14).

A dissociação entre o artístico e o educativo, que geralmente é enfatizada na formação dos profissionais nos cursos de Licenciatura tem comprometido de maneira substancial o desenvolvimento do processo criativo e crítico que poderia estar ocorrendo na educação básica.

Pequenas sementes...

O trabalho nos revelou que a arte de se fazer dança não se configura apenas no processo e aprendizado que inclui somente o ato de movimentar o corpo. Ela proporciona olhares e vivências para o social, cultural e psíquico que não estamos acostumados a trabalhar e a usá-la no âmbito da educação.

Para o profissional dessa área que escolhe transferir esse ato para as escolas, ou seja, o trabalho com a educação depara-se, muitas vezes, numa trilha longa, cheia de imperfeições. Identificamos que, se esse artista optar por um trabalho diferenciado de dança nas escolas, com as discussões aqui levantadas, precisa despertar nele próprio primeiramente, o “ser artista”, o que inclui não perder o fazer artístico quando opta pela docência. Uma postura de um profissional que “invade” o ambiente escolar, transportando os alunos para uma realidade que eles não estão acostumados, quebrando com as regras educacionais, tentando despertar sentidos que fogem das regras de imobilidade que foi edificada a educação brasileira.

A relação entre a produção artístico-cultural e a instituição de ensino – seja ela espaço de educação infantil, escola ou universidade é, por princípio conceitual, conflituosa. Se por um lado, a área artística tem na transgressão a mola propulsora de sua construção, as instituições acima citadas pautam-se na normatização (...). Como então, favorecer um espaço de transgressão e criação, de formação de sentidos no interior dessas instituições? Como trabalhar cercado de grades curriculares? Organização em seriações? (LEITE, 2006, p.11).

É através da educação que a arte tem a possibilidade de se democratizar e de voltar ao domínio popular. Fazendo com que esse público iniciante, que está dentro das escolas, torne-se mais íntimo da arte, ampliando a capacidade de

apreensão de uma obra, favorecendo sua socialização, seu acesso ao debate contemporâneo, integrando-o a sociedade de maneira comunicativa e participante. Tornando-os capazes de vivenciar, refletir e recriar as percepções do mundo com artes.

Nesse trabalho tentamos despertar sentidos para as artes, ampliar as possibilidades de a criança sentir e perceber, fomentar a capacidade de percepção, apreciação, fruição e crítica. Decorre disso a ideia de educação estética, que caracteriza as experiências sensório-corporais elementares e as transforma em expressão simbólica (STRAZZACAPPA, 2007).

Somos despertadores de experiência artística. Brincamos com o imaginativo e o reflexivo, pensamos e inventamos novas formas de relacionar as pessoas, dentro e fora da escola com a arte. Possibilitando a esses alunos a atividade sensível e intelectual de espectador. Indivíduos responsáveis pelas questões da sociedade, para que assim não acontece nenhuma segregação artística-cultural.

Pequenas mudanças...

A experiência estética em geral (...) já é desfrutada pelo indivíduo antes que ele entre para a escola. Portanto, não a introduzimos para nossos alunos, mas a incrementamos a partir de algo que já está lá. Vicent Lanier

Primeiro contato. Chegamos. Gritaria. Abrindo caminhos, enraizando os pés.

Gritos!!

-“Olha o palhaço!”.

- “Vocês vão dançar?”.

Mais gritaria. Crianças correndo. O espetáculo começa.

Elas continuam correndo, gritando...

Professores pedem silêncio no meio da dança!

- “Calem a boca!”.

Os pés ardem no chão da quadra, de cimento, sujo. O sol...o som...a areia.

- “Não tá dando pra escutar!”.

Risos.

E isso tudo, o espetáculo acontecendo.

As bailarinas entram. Como que por encanto, tudo silencia.

Olhos brilhando, sorrisos entreabertos, o corpo vai junto com a música, batem palmas incentivando as bailarinas a dançarem. Acompanham o ritmo da música.

Aplausos.

Mais aplausos.

Abraços. Mais abraços.

As crianças agarram na nossa cintura, não deixam a gente ir embora.

-“Vocês vão voltar?”.

Abraços e autógrafos, afinal, somos artistas, não é?

Dividimos espaços, tempo, ritmo, balanço, vivências.

A recompensa de se trabalhar com arte, com dança, com crianças, com jovens, com a educação. E de saber que você está lhes deixando algo.

Você se entrega, eles se entregam...

-“Que dança é essa?”.

-“Gostei daquele movimento, vou mostrar pros caras lá do meu bairro. A gente tem um grupo de dança de rua lá na favela. Eles vão curtir!”.

Você deixou algo...

Houve experiência estética? Despertou olhares? Atenção? Crítica?

O trabalho começa...!

São essas as frases e palavras que deixamos para “finalizar” essa escrita com lápis, movimento e aplausos. Quando foi escolhido pesquisar a arte na educação, foi porque não acreditávamos numa arte de “estrelismo”, de apenas subir no palco e despertar olhares e aplausos, sobre os seus feitos coreográficos, a capacidade acrobática do corpo.

Acreditamos numa arte que desperte, dentro do espectador, sentidos que estavam obscuros, desejos de fazer e/ou

apreciar e/ou apenas conhecer. A arte que vai ao encontro do outro e que esse toma juízo pelo que se passa dentro dele, da sua sociedade, da sua comunidade, de seu estilo de vida.

O objetivo não foi moldar pensamentos, mas sim criar e levantar questões que pudéssemos refletir e escutar a opinião de cada um, sem pré-julgamentos.

Nessa pesquisa identificamos que é necessária a reformulação dessa educação caduca em ações relacionadas à arte, que prende seus alunos em cadeiras durante horas e negligencia a movimentação dos mesmos; que relaciona movimento com bagunça, com descontração. Não. Esse corpo já não aguenta mais ficar parado, só sendo bombardeado de informações. Ele está seguindo o ritmo da vida contemporânea. Ele precisa saber o que acontece nesse mundo contemporâneo. Esse público faz parte desse mundo atual, então precisamos escutá-lo.

Foi possível perceber com esse trabalho, que conseguimos plantar algumas sementes da dança, de um outro olhar, de um outro conceito de corpo, de artes e de buscas. Ser uma artista-professora é assumir um papel fundamental na formação desses alunos, na formação de pensamentos como de criações na área.

Percebemos que a relação professor-aluno precisa ser de parceria, e quando os laços se estreitam há uma maior liberdade de comunicar livremente os pensamentos e vontades.

Mais do que um professor de dança, precisamos nos colocar como artista-professor. Os alunos necessitam compreender que você não só é um professor, você é um artista, que possui indagações sobre sua arte, uma arte que ainda briga por afirmação. Um professor que media essas indagações não de forma passiva, mas de forma instigante, provocativa. E foi com esse intuito que essa pesquisa trilhou o trabalho, do artista-professor que possui dúvidas em relação à arte, artista em constantes transformações (principalmente da sua arte).

E assim, no papel de mediadora, não de professora que passa seus conhecimentos, que ordena tantos movimentos, que molda a personalidade e a crítica naquilo que ele próprio acredita. Mas sim, uma pessoa que fica no entremeio, no limiar, entre o ir e o vir, de dialogar tanto propondo como escutando, de instigar os estímulos corpóreos e levar um outro corpo carregado de outras possibilidades.

São várias as raízes que você pode escolher para guiar o fio condutor de seu trabalho com arte, com dança dentro da escola. Mas elas fazem parte do mesmo rizoma, que se abre em tantas possibilidades, porém que sempre se encontram, se enlaçam e se entrecruzam. Fazer artes torna-se tão importante quanto pensar, apreciar e discutir artes.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mãe. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (LDB) 9394/1996**.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – Arte**. Brasília: MEC, 1997.

CELESTE, Mirian e PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Instituto Sangari, 2008

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003.

HANNA, Judith Lynne. **Dança, sexo e gênero: signos de identidade, dominação, desafios e desejos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MARQUES, Isabel. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, Isabel. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____, Isabel e OSTETTO, Luciana. **Arte, Infância e Formação de professores**. Campinas: Papirus, 2004.

PENNA, Maura. **O dito e o feito: Política educacional e arte no ensino médio**. São Paulo: Ed. Manufatura, 2003.

STRAZZACAPPA, Márcia e MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança**. Campinas: Papirus, 2006.

STRAZZACAPPA, Márcia. Compartilhando um outro olhar sobre o ensino de dança *in* Falcão, José Luis Cirqueira (org.). **Esporte e lazer na cidade** - prática teorizada e a teoria praticada. Florianópolis: Lagoa Editora, 2007.

Mestra em Artes Cênicas pela UFRN, Bacharel e Licenciada em Dança pela UNICAMP. Faz parte do grupo de pesquisa ARDICO – Arte, Diversidade e Contemporaneidade do CNPq. É professora assistente do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Esse projeto de pesquisa teve orientação da Profa. Dra. Marcia

Strazzacappa e foi financiada pelo Programa PIBIC/CNPq no ano de 2008.

Recebido em: 15/06/2015

Aprovado em: 15/06/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: